









1608/1039.

# **BIOGRAPHIA**

**DO**

**BISPO CONDE CAPELLÃO-MOR.**



# BIOGRAPHIA

DO

## BISPO CONDE CAPELLÃO-MÓR

POR

Francisco Manoel Rapozo d'Almeida, k

OFFICIAL DA SANCTA SÉ APOSTOLICA,  
LENTE DE THEOLOGIA E DIREITO CANONICO,  
PROFESSOR DO SEMINARIO ARCHIEPISCOPAL DA BAHIA,  
MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO BRAZILEIRO,  
E DE DIVERSAS CORPORAÇÕES LITTERARIAS.



### BAHIA

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.

Rua de Santa Barbara n. 2.

**1864**



AO EXCELLENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR

**D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,**

**ARCEBISPO DA BAHIA,**

**METROPOLITA E PRIMAZ DO IMPERIO DO BRAZIL**

**Em testemunho de consideração**

**D. O. C.**

***Francisco Manoel Rapozo d'Almeida.***



Este esboço biographico do finado bispo conde capellão-mór foi lido na sessão solemne, que, a 23 de novembro do anno passado, celebrou o Instituto Historico da Bahia.

Ao ser encarregado pelo mesmo Instituto de comemorar academicamente o saber e virtudes d'esse illustre varão, que fôra ao mesmo tempo uma gloria para a igreja e para o estado, fui tentado a declinar tão honrosa commissão; mas, recordando-me da paternal amizade, com que me distinguira em vida o venerando pontifice, aceitei o encargo para dar um testemunho de cordeal reconhecimento, a quem não podia mais honrar-me com suas generosas atenções.

No desempenho d'esta commissão succedeu-me o mesmo, que se dera, em identicas circumstancias, quando tive no mesmo Instituto de suffragar a memoria do immortal arcebispo marquez de Santa Cruz; e, pois, permitta-se-me que transcreva aqui algumas das palavras, com que fiz preceder a publicação d'esse outro esboço biographico do illustre metropolitano.

« Ao começar o desempenho de tão honrosa commissão, deu-se em mim uma lucta entre o coração e a cabeça: a cabeça exigia que eu guardasse as formas academicas, e me circunscrevesse á parte puramente idialogica: o coração queria expandir-se no affecto de amor e reconhecimento, que fôra em mim uma paixão, durante a vida do immortal prelado, e que depois da sua morte tornou-se uma religião.

« O coração triumphou !

« O sabio e o sancto apresentaram-se-me como uma dualidade inseparavel; e pois o academico cedeu o logar ao amigo affectuoso e reconhecido.

« Em vez de uma dissertação de esthetica litteraria, em vez de um elogio historico, propriamente academico, sahio um esboço biographico; em vez de um quadro a oleo com desenho e colorido a mão de mestre, appareceu um desenho a craon, apenas esboçado por mão de curioso. »

Sou o primeiro a reconhecer que o presente trabalho nem é um elogio historico, como os de Thomaz e Fontenelle, em que se guardam as conveniencias academicas, nem uma biographia como as de Lamartine, em que se guarda o desenho severo da historia individual; tolerem-o, portanto, como um simples esboço biographico, embora servisse de elogio historico na apothese academica: embora se publique com o titulo de biographia.

Permitta-se-me que n'este logar agradeça com reconhecimento, e com a confusão na consciencia do pouco que valho, o generoso applauso, que um au-



ditorio illustrado me prodigalisou pela segunda vez; e no mesmo logar, em que havia, mezes antes, proferido a biographia do illustre arcebispo marquez de Santa Cruz.

Especialmente agradeço as generosas expressões, que, com os olhos banhados de lagrimas, me dirigiu, em plena sessão, o nosso venerando presidente o Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, actual arcebispo da Bahia, metropolita e primaz do Brazil.

Se por ventura eu tivesse de, por este meu escrito, aspirar a um premio, essas lagrimas preciosas seriam uma corôa para a minha frente, como são um thesouro, que guardo e guardarei no coração.

Tem sido taes, e tão valiosas as animações que tenho recebido pela publicação da Biographia do arcebispo marquez de Santa Cruz, que animei-me a publicar esta; e vai entrar na publicação a Biographia do conde D. Antonio bispo de S. Paulo, de cuja vida apostolica fui testemunha presencial, e a quem me ligam vinculos de parentesco espirital, e de indelevel affecto de gratidão.

Seguir-se-lhe-ha a do Sr. D. Antonio Ferreira Vicoso, apostolico bispo de Marianna; e a de outros prelados e ecclesiasticos benemeritos, que tanto tem honrado a igreja e beneficiado o estado; mas que, ou passam ou vivem esquecidos; e muitas vezes desprezados e calumniados.

Saiba-se que se o estado tem a sua pleiada de homens distinctos em saber e virtudes civicas, a igreja é duplamente fecunda em produzir varões eminentes,

que, sem se imporem ás turbas, são reconhecidos por todos como doutores da verdade; e, sem intrigarem nas antesalas do poder, são de uma hora para a outra arrancados da obscuridade e exaltados ao fastigio da gloria.

Esta é a historia dos heroes da igreja; e na igreja do Brazil não nos faltam os exemplos.

O que vai ler-se é um exemplo incontestavel d'esta verdade.

Bahia 30 de Março de 1864.

*F. M. Rapozo d'Almeida.*

## SENHORES.

Porque me seria dado congregar-vos hoje para proferir palavras de dôr, e para dizer-vos, que dous de nossos eximios Consocios passarão ao longe de nós como a torrente, que arrebatadamente corre pelos valles, e agora estão dormindo em silencio, e descansando no seu somno juntamente com os Santos, e com os Sabios, que santificarão e illustrarão a terra? Não teria a Igreja Fluminense o direito de possuir ainda o Esposo, que ella tanto amava, a Bahia o filho querido, que a nobilitava, e as lettras os dous cultores preclaros, que enriquecião os seus thesouros dos preciosos cabedaes da intelligencia? Deos o não quiz, e quem é que pode comprehender os seus juizos, investigar os seus caminhos? O Senhor poz termo á carreira dos nossos prestantes Consocios, e quasi ao mesmo tempo se occultarão dous astros luminosos, um quando apenas se levantava, e os seus dias passarão mais depressa do que a têa é cortada pelo telcelão, e consumirão-se na aurora das esperanças; o outro ainda refulgente da luz, que derramára em ondas no templo da sabedoria, não o verá mais vista de homem, mas viverá nos fastos da Igreja, no alcaçar das sciencias, e na memoria de todos os Brasileiros.

Não ha muito que aqui vos reunistes, Senhores, para comemorar um grande Vulto, um Varão excelso, o nosso primeiro e nunca assáz lembrado Presidente, e já aqui vindes para recor-

dar os feitos gloriosos dos nossos dignos Consocios, que a morte inexoravel nos arrebatou, o Exm. e Revm, Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, Conde de Irajá, Bispo do Rio de Janeiro, e Capellão Mór de Sua Magestade o Imperador, e o Illm. Sr. Dr. Agrario de Souza Menezes; cada qual no seu genero foi um cidadão importante dotado de talentos superiores, e virtudes eminentes, e o Instituto Historico da Bahia consagrando-lhes esta sessão especial claramente mostra, que sabe apreciar as qualidades de seus membros, e d'elles se não esquecendo recommenda-se não menos á esta illustrada Provincia do que á todo o Brazil em geral pelo seu manifesto empenho de exaltar depois da morte aquelles, que com seus talentos, e com seus serviços o exaltarão tambem.

Eia, Senhores Oradores, cumpri a vossa nobre missão: ponde em relevo com a vossa reconhecida habilidade os meritos e qualidades excellentes dos dous nossos illustres Consocios fallecidos, as suas virtudes, o seu saber, e os serviços que prestarão á Religião, á Patria, e ás Lettras.

Bahia 22 de Novembro de 1863.

✠ *Manoel*, Arcebispo da Bahia.

## I.

SENHORES. A sociedade publica, que é a familia multiplicada, tem um duplo destino na sua existencia temporal:—a civilisação e a salvação. A civilisação é o patrimonio da familia humana, para o qual trabalham os individuos, ha cêrca de sete mil annos; a salvação é a herança das almas, cuja escriptura de posse foi assignada na altura do Calvário com o sangue da victima divina.

O homem, pois, em communhão com o homem, e em sociedade com o Christo, trabalha ao mesmo tempo no patrimonio da humanidade, que é a civilisação; e na herança das almas, que é a salvação.

Sob este ponto de vista, o homem é actuado por dois deveres; e estes dois deveres estão actuados por dois poderes; tal é a origem do poder do Estado e do poder da Igreja: o estado commanda a civilisação, e auxilia a igreja; a igreja commanda as almas e auxilia a civilisação.

A civilisação é portanto uma gloria, e a salvação um triumpho, ou antes a civilisação é o triumpho da barbaaria, e a salvação o triumpho do mal.

Romeiro da mysteriosa cruzada, que se dirige á conquista da eternidade, o genero humano caminha atravez do tempo, como o povo israelita caminhou atravez do deserto.

Ao folhear os annaes da historia da humanidade pôde dizer-se, que essa miraculosa peregrinação do povo escolhido é o symbolo historico da humanidade, e a lição sempiterna e infallivel dos povos. Como se deram dissensões entre as tribus, assim tambem as tem havido entre as nações; e como o povo murmurava da auctoridade de Moyses, e chegou a desejar o captiveiro do Egypto, assim a sociedade moderna murmura da lei e da sua applicação, e muitas vezes deseja voltar ao regimen dos tempos atrazados, ou precipitar-se no azar de sythemas absurdos.

É que o genero humano, alucinado no conhecimento do seu supremo destino, pensa que o seu termo derradeiro é a conquista da Canaan da civilisação; mas o supremo destino, para o qual caminha atravez do deserto da vida, é a conquista da Jerusalem celeste.

E é por isso que o genero humano ainda não entrou na Canaan da civilisação, que apenas tem visto ainda de longe, como Moyses a viu da altura do monte Nebo.

Mas se a salvação e a civilisação não se repellem: ha de facto duas civilisações, que tem estado, e hão de permanecer até ao fim dos seculos em profundo an-

tagonismo. Uma é a civilização, que tem por fim a perfeição da materia, e a impossivel felicidade humana: a outra é a civilização, que tem por fim a perfeição e salvação das almas, e a conformidade humana com os decretos insondaveis do Eterno. Uma é a civilização pagã, outra é a civilização christã.

A civilização humana e a civilização divina tem differente essencia, differente fim e caracteristico differente.

A civilização divina considerada na sua essencia é a que se refere a Deos e á eternidade; a civilização humana é a que se refere ao homem e ao tempo.

O fim da civilização divina é a gloria de Deos e a salvação das almas; o fim da civilização humana é a gloria do homem e o seu bem-estar no tempo.

O caracteristico da civilização divina é a simplicidade no dogma, a unidade na doutrina e a permanencia dos principios: a civilização humana é vaga e obscura no axioma: sceptica na doutrina e heterogenea nos principios.

A civilização humana, pela philosophia da eschola, e pela philosophia dos systemas, é uma permanente contradicção desde a eschola do Portico até Voltaire, desde Voltaire até Cousin; mas a philosophia christã é a mesma desde São Paulo até Sancto Agostinho, desde Sancto Agostinho até Bossuet, desde Bossuet até ao conde de Bonald, desde o conde de Bonald até ao padre Ventura de Raulica.

A civilização humana pelas sciencias, é uma serie de systemas repugnantes e disparatados, desde o

cahos homeomeroico de Anaxagoras, e os torvilinhos de Descartes até ás differentes theorias geologicas de Buffon e Cuvier; mas a theoria inspirada de Moysés, depois dos trabalhos de Humboldt e Maupied, é hoje proclamada pela propria sciencia como um axioma de intuitiva verdade.

A civilisação humana pelas artes, é admiravel na sua sumptuosidade, como na architettura egypcia e baby-lonica, sympatica nas linhas do contorno, como na estatuaría grega; mas na arte christã, a cathedral da idade media e a basilica moderna, o mosteiro e o eremiterio, a illuminura dos codices antigos e os quadros de Raphael e Murillo, a estatua gothica dos portieos e dos tumulos, o Moysés de Miguel Angelo, a Magdalena de Canova, e essas outras obras primas, consagradas ao christianismo são por certo de um sublime inexcédível.

O que, porém, sobretudo caracteriza a civilisação divina da civilisação humana, a arte christã da arte pagã é que os differentes instrumentos d'essa civilisação divina, e os obreiros da arte christã participam da mesma gloria, porque nas copias do seu pensamento resplandece a mesma esthetica, filha da mesma doutrina; e nos seus artefactos impressiona a mesma plastica, por isso mesmo que na litteratura e na arte christãs actua o mesmo espirito, ou o mesmo sublime.

O que se dá na sciencia evangelica, o que se dá na arte christã em relação á sua essencia, á sua unidade e á sua permanencia, dá-se nos heróes do christianismo: todos elles parecem vasados no mesmo molde.

Um systema é derrubado por outro systema, um sabio é refutado por outro sabio ; mas a doutrina evangelica é a mesma ha desenove seculos : os sabios christãos reproduzem-se, e não se refutam.

Os homens, que consagraram, que consagram a sua intelligencia á civilisação christã, que é o fim temporal e eterno da salvação, esses são os legitimos prophetas da civilisação.

Balthazares no festim da electricidade e do vapor, os philosophos racionalistas profanam os vasos da verdadeira civilisação : hebreus no deserto da vida fundem bezerros de ouro, e os adoram.

Mas ainda bem que a claridade mystica da civilisação evangelica reflecte cada vez mais deslumbrante dos braços da cruz ; e se a intelligencia humana se prostitue a formar bezerros d'ouro, outras distinctas intelligencias são como outras tantas forjas, onde se fundem esses fuzis da cadeia, que prende a civilisação com a salvação : ainda bem, que no meio d'esses gritos ébrios da civilisação mundana, e no meio dos brados sinistros das suas victorias, ouve-se o brado de triumpho aos prophetas da verdadeira civilisação.

Que importa que os applausos da victoria sejam soltados no arfar das lagrimas da saudade publica ? Que importa que o altar da apotheose seja sobre a pedra do tumulo ? Os applausos que a multidão prodigalisou hontem ao vivo, póde a inveja troca-los hoje em reprovações ; mas as palavras, proferidas sobre o cadaver do sabio, é sentença, que o povo manda passar no julgado da historia.

A verdadeira gloria n'este mundo é a que é pautada pela gloria divina da eternidade. A alma para ser glorificada no **Senhor** tem de despir-se do corpo: e deixar entre os homens o legado de suas virtudes: o sabio para ser glorificado no futuro tem de sumir-se d'entre os vivos, e deixar-lhe por legado as copias do seu pensamento: a gloria immorredoura entre os homens é portanto a que começa no tumulo.

Mas que o tumulo dos mortos, que tanto serviram á civilização, não fique nem desprezado nem esquecido pelos vivos, que são os herdeiros de seu patrimonio intellectual. O jornaleiro tem a paga do seu trabalho, todos os misteres e todas as industrias contam com a recompensa;—qual é entre nós a moeda com que se paga a esse alquimista do pensamento, a esse lapidario das idéas, a esse Sesypho de trabalho inglorio, que se chama homem de lettras? Alguns applausos complacentes, o resmungar das mediocridades empavonadas, os silphos da inveja, e o desprezo, e o esquecimento: eis a recompensa, que quasi nunca falta.

Que nós—romeiros da mesma cruzada—lhe paguemos ao menos sobre o tumulo o que a sociedade lhe negou sobre a meza do trabalho.

E ainda bem, senhores, que o applauso de consideração, que o Instituto Historico da Bahia vai tributar a um dos mais distinctos de seus membros, me proporciona a occasião de publicamente pagar a esse illustre morto uma divida de pessoal reconhecimento, que o vivo nunca ha-de esquecer.

Tive a fortuna de tratar de perto ao venerando pre-

lado, cuja memoria vamos hoje suffragar. Á sua proverbial affabilidade devo provas não equivocas de paternal estima e de generosa consideração. Por mais de uma vez o illustre sabio glorificou a minha obscura vida de homem de lettras com titulos honorificos; e que guardo como morgado de familia: junto do tumulo hei-de sempre reconhecer a divida, que contrahimos degrãos do throno episcopal.

E ainda bem que não é só a gratidão o unico titulo de consideração que devo ao illustre morto. Como o ultimo dos homens de lettras, devo applauso e reconhecimento a esse saudoso varão, que foi entre nós um dos representantes, um dos missionarios, um dos apostolos da civilisação christã.

O Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues d'Araujo, bispo do Rio de Janeiro, Capellão-mor do Imperador, Conde de Irajá, grão-cruz de diversas ordens, membro de academias nacionaes e estrangeiras, e socio honorario do Instituto Historico da Bahia era uma triplice gloria para a Igreja, para o Brazil e para as lettras. Póde dizer-se d'elle o que n'este mesmo logar disse do immortal Sr. arcebispo marquez de Sancta Cruz: —era padre de vocação, cidadão virtuoso, politico sincero, sabio illustre, prelado exemplar, amigo leal, christão severo comsigo e indulgente com os outros.

O Sr. bispo-conde capellão-mor é um dos vultos historicos do Brazil, cujo saber e cujas virtudes hão de sempre realçar o seu nome illustre.

Em quanto outros mais competentes lhe tem con-

sagrado do alto do pulpito paginas eloquentes de gloria, tentemos esboçar os perfis biographicos do padre de vocação, do politico sincero, do prelado virtuoso, do sabio illustre e modesto, do sancto pelas virtudes da paciencia e da caridade.

## II.

O typo da familia brasileira, propriamente dita, tinha o seu modelo archytypo na familia patriarchal, isto é, na familia dos primitivos tempos da igreja. Ahi ardia constantemente a lampada da moral, de que era vestal a mãe; e todo o ambito da casa era como um templo, em que o pai era o sacerdote nato. Uma mesma alegria, uma mesma dor abraçava os corações; e um mesmo pensamento os elevava a Deos, ou para agradecer a alegria, ou para pedir a consolação.

O lar domestico era como um mundo isolado, cujos limites geographicos iam do muro do quintal até ás janellas de rotulas, que davam sobre a rua. Os acontecimentos ordinarios d'esse mundo eram a oração diaria no oratorio; e a missa dos dias festivos no templo da parochia; os acontecimentos extraordinarios, e dos quaes se fallava, como se falla dos grandes successos da historia, eram o baptismo do recém-nascido, o casamento dos filhos puberes, e a morte dos mais velhos. N'essas almas, atadas pelo vinculo da religião, os acontecimentos eram uniformes no mesmo affecto de alegria ou pesar.

A sociedade franceza, que tem desnaturado, e que parece vai transformando a familia brasileira, é com effeito mais ruidosa, mais seductora e deslumbrante, mais rica de fortes e variadas impressões, mais esplendida de civilisação, como o mundo a comprehende; porém que differentes são os seus fructos dos gosos placidos da sociedade patriarchal!

Entre a mulher escrava do serralho e a mulher volúvel dos salões, havia no justo termo a mulher catholica, representando e desempenhando o ministerio da moral: *domum mansit, lanam fecit*, era a divisa da mãe de familia. A esturdia variedade do *toilette* moderno da-lhe triumphos ephemeros no trepudiar febril dos salões; mas quanto não soffre ella depois no seio d'esse simulacro de familia, onde não reina mais a modestia, a piedade e a conformidade com a vontade de Deos!

O chefe ou patriarcha da familia brasileira concentrava na familia todas as suas ambições; todos os seus gosos e todo o seu futuro. Cuidava de governar a sua casa, de educar com o exemplo e a palavra a seus filhos, e de lhes porporcionar uma posição modesta. Mas que alterado, ou desnaturado se acha hoje esse typo classico da familia brasileira!

Não é difficil encontrar hoje quem deixe o governo da familia para tratar de governar o estado; quem deixe de educar os seus filhos nas maximas da moral para educar as multidões nas maximas da politica; quem transvie seus filhos de uma modesta e independente posição para os exaltar n'essas escadas de es-

piral, que hoje os podem talvez levar ao patamar da gloria; mas de que ámanhã infallivelmente se verão despenhados, porque não ha gloria certa e constante n'este fluxo e refluxo da vida politica.

Um dos caracteristicos, que descrimina a sociedade, adventicia da franceza, da nossa sociedade, adventicia da familia patriarchal portugueza, é o destino ou a vocação dos primogenitos.

N'aquelle tempo o altar era o fastigio da gloria, ainda mais do que hoje em dia é o banco de um ministro, ou a cadeira de um deputado; por isso a ambição da familia quasi toda convergia para a gloria de ter um filho no sacerdocio, como hoje todos os esforços dos parentes é elevar um ou muitos de seus membros ás posições de estadistas.

O doutor nato da sociedade de então era o padre; e por isso todos ambicionavam ter um parente, que sabia a sciencia da salvação, e tambem a sciencia da vida: o padre era considerado duplamente, como sacerdote e doutor: era o Christo vivo na familia.

O Sr. D. Manoel do Monte nasceo n'uma familia, adventicia da familia patriarchal portugueza. Sua mãe, que se chamava D. Catharina Ferreira d'Araujo era formada na escola da mulher catholica, que como já dissemos, *domum mansit, lanam fecit*; seu pai, que se chamava João Rodrigues d'Araujo, era um d'esses homens, a quem se chama um Portugal-velho; o que quer dizer, homem grave no porte, severo de costumes, de quebrar e não torcer, de um só rosto e uma só fé, temente a Deos e obediente ao rei; e que tinha

por principios governar a sua caza e os seus filhos, e deixar ao rei e seus ministros o cuidado de governar o estado e os povos.

A vocação de um filho para o sacerdocio, feita por um tal pai, não podia deixar de ser abençoada pelo ceo; as orações de uma tal mãe não podiam deixar de ser fecundas em graças especiaes para o futuro levita.

Póde dizer-se que o nosso illustre consocio foi padre desde menino. A caza paterna era um seminario de virtudes moraes e religiosas: o exemplo era ahi a primeira lição: o amor da familia, temperado pelo amor christão, era o laço indissolúvel, que prendia uns aos outros esses corações, que só deixaram de pulsar amor uns pelos outros, quando os gelou o frio do sepulcro.

N'esta familia deu-se um dos mais saborosos fructos do amor christão: que é o amor fraternal. Conformados nas mesmas entranhas, educados nas mesmas maximas, fortificados pelos mesmos exemplos, divertidos pelos mesmos habitos e pelas mesmas inclinações, os irmãos João e Manoel realisaram o Eurialo e Niso da historia mythologica. Eram dois gemeos na educação christã, vivendo da mesma bolça, sob o mesmo tecto, sempre inseparaveis na prospera, ou adversa fortuna; até que cada um, por seu turno, baixou o corpo á sepultura, e a alma ascendeu á eternidade.

A mocidade é um sonho que se recorda na velhice; mas que não se sabe contar. A mocidade dos dois irmãos foi um ydillio, que se passou no seio da fami-

lia ; que se tornou um psalmo no dia solemne, em que ambos receberam esse mystico oleo, que os ungió sacerdotes *secundum ordinem Melchisedec*; e que acabou com os threnos de Job nas ultimas horas de suas vidas.

Como fôra substancial de religião a educação moral do nosso illustre consocio, assim foi substancial de boas doutrinas e de variada erudição a sua educação litteraria. N'esse tempo já Pernambuco tinha em si o verbo litterario, que mais tarde a elevaria á preeminencia de Athenas do Brazil com as magnificas tradições d'essas universidades catholicas da Europa, que nunca se deixaram invadir pelas doutrinas racionalistas, doutrinas perversas e subversivas, que aspiradas e respiradas n'uma cadeira de ensino, tornam-se um veneno mortifero.

Além da instrucção do que se chama humanidades, e do curso das materias theologicas para obter o presbyterado, o nosso illustre consocio cursou a faculdade de sciencias juridicas e sociaes de Olinda, em que deu provas do brilhantismo do seu talento e da sua louvavel applicação; mas, em consequencia de uma desintelligencia, havida entre o seu irmão querido e um lente, interromperam ambos o curso; e nem um, nem outro chegaram a obter o respectivo gráo academico.

No curso theologico é que desabroxeou e se expandio com todo o viço do talento a sua notavel intelligencia. Ninguem lhe contestava o primeiro logar do curso; e consta que na auzencia do respectivo lente,

foi elle o nomeado para reger interinamente a cadeira de theologica moral, sendo ao mesmo tempo mestre dos seus companheiros, e discipulo de si mesmo.

Antes de attingir á idade canonica de receber as ordens sacras, o seu coração de filho extremoso foi ferido por um d'esses golpes, que faz sangrar o soro da dor para todo o sempre: seu extremoso pai havia morrido, ainda no vigor da vida; e pois tornaram-se os filhos pais de sua mãe.

Como a deocese de Pernambuco estava *sede vacante* pela morte de D. Fr. Antonio de São José Bastos, os dois irmãos dirigiram-se á deocese do Rio de Janeiro, onde foram recebidos paternalmente pelo illustre bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, de quem receberam a ordem do presbyterado a 17 de fevereiro de 1822.

Voltando para Pernambuco, o nosso illustre consocio consagrou-se á carreira do magisterio, regendo no seminario deocesano a cadeira de theologia moral, para cuja especialidade havia feito convergir estudos vigorosos e aturados.

Se esse candido coração do nosso illustre consocio, todo aberto para as impressões suaves da virtude, foi, por excepção de regra, susceptivel de um impulso forte e vehemente, foi sem duvida a paixão do estudo. Resguardado por essa ambiente athmosphera do amor da familia, o illustre professor preparou-se com o viatico da sciencia para a peregrinação, que Deos lhe destinava atravez do episcopado.

Se a especialidade da vasta instrucção do nosso il-

lustre consocio era a theologia moral e as sciencias accessorias, os seus escritos annunciam muita erudição nas lettras profanas e sagradas; e o canonista distincto mostra a cada passo, que foi tambem um profundo jurisconsulto.

Em quanto o illustre theologo se adestrava na cadeira do professorado, para um dia tão dignamente se illustrar na cadeira episcopal; em quanto n'essa querida Thebaida da vida domestica passava, talvez os mais saudosos dias de sua vida na companhia da mãi extremosa e do irmão, quasi idolatrado, o Brazil revolvía-se no plano divino para assumir no xadrez dos povos o logar que a Providencia lhe destinava.

Esses ventos de revolução, que sibilavam ao longe, essas nuvens e esses clarões que se descortinavam já em proximos orisontes, essa alvorada de independencia que se via no orisonte do novo imperio, tudo isso quasi passou desaperecebido pelo nosso illustre consocio, que, nos gosos inefaveis da vida domestica, e nos arroubos do estudo, não presentio, que a arvore da independencia, plantada no Brazil em 1808 pelo Sr. D. João VI, havia brotado os seus fructos, e que esses fructos iam ser colhidos pelo seu primogenito, o Sr. D. Pedro I, e repartidos pela nova familia portugueza d'aquem do Equador.

Temos esboçado o professor vamos agora delienar o politico.

### III.

A independencia do Brazil foi um facto todo providencial, e concertado nos conselhos da sabedoria divina. Quando a Deos aprouve suscitar entre as de mais nações um povo, que tinha de fecundar na America a monarchia e o catholicismo, serviu-se, como de instrumento, da propria monarchia portugueza, que era typo de monarchias catholicas, e cujos imperantes eram, e ainda se chamam filhos fidelissimos da igreja

A aguia-franceza, como a aguia do apocalypce, esvoaçava sobre os thronos da Europa; e enchia de pavor a reis e povos: a familia real portugueza vio-se obrigada a sahir de Lisboa, para escapar ás garras do abutre; mas, n'essa emigração forçada podia recolher-se á ilha da Madeira, ou á expugnavel ilha Terceira, ou mesmo tornar-se hospeda da Inglaterra, a sua mais antiga, embora perfida alliada.

Mas o eterno regedor dos povos, por um designio sobrenatural, conduziu as mais preciosas reliquias da nação portugueza para áquem do Equador. O Brazil, de colonia, que era, passou a séde da monarchia; e Portugal de metropole, que era, passou a paiz conquistado:—os homens poderiam nunca haver concebido um tal plano para fundar a primeira monarchia da America?

. *Credo absurdum*, dizia Santo Agostinho. Acredita-se, porque um facto, muitas vezes absurdo para a razão humana, é um effeito da insondavel sabedoria do Eterno.

A verdadeira aspiração do Brazil á cathegoria de nação nasceu no mesmo dia em que os reaes proscritos chegaram ás praias da Bahia; e a necessidade indeclinavel da manutenção dessa mesma independencia começou desde o dia, em que o velho rei D. João VI se viu obrigado a voltar para a Europa.

A nação portugueza foi a crysalida da nação brasileira: a arvore genealogica de Bragança, embora se transplantasse para o solo portuguez, deixava no solo brasileiro uma viçosa vergontea, que em breve seria arvore, e a cuja sombra se resguardassem as franquias do povo e as liberdades publicas.

A verdadeira e legitima aspiração do Brazil á cathegoria de estado, e independencia da metropole emana toda de um concerto providencial: se foi desnaturada em suas consequencias, deve inculpar-se ás ambições de alguns, ao tresvario de muitos, mas nunca ás intenções dos monarchas, nem ás aspirações legitimas do povo, instrumentos visiveis do plano divino.

O voto da independencia, com a autonomia do governo local e economia propria, era proferido por todos os labios; e tanto esta convicção havia calado nos animos, era ella tão geralmente esposada, que as ultimas palavras do rei sagaz, que voltava para a Europa, ao rei entusiasta, que ficava na America, são as que registrou a historia, e aqui reproduzimos: « Pe-

dro; o Brazil brevemente se separará de Portugal: se assim fôr, poem a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão d'ella.»

E de feito: o Brazil proclamou a sua independencia; organisou a sua economia especial: e a corôa, que era o symbolo da união e da paz do novo paiz, não foi preciso que D. Pedro I a tomasse para a pôr na cabeça: o novo povo lh'a deu, e a religião o ungiu e lh'a collocou na cabeça.

Consummado o facto da independencia; e reconhecido pelo proprio governo da ex-metropole, entrou o Brazil na sua phase da constituição. Foi trabalhosa essa operação; mas é para admirar os homens notaveis, que appareceram, e que eram dignos dos governos e dos parlamentos da velha Europa.

A igreja, sempre fecunda em grandes homens, concorreu com o seu importante auxiliar para o grande facto da constituição do imperio, e consolidação das instituições.

Os legisladores constituintes consignaram, sem contestação, o reconhecimento da religião catholica, como o esteio inabalavel, em que se devia firmar o novo estado. Sem essa condição essencial, o povo brasileiro nunca se constituiria em nação, porque o povo brasileiro é a continuação do povo portuguez, catholico até á dedicação, devoto até ao fanatismo, crente até ao martyrio; e pois nem os portuguezes da Europa nem os portuguezes do Brazil poderiam acceitar uma constituição, que não tivesse por esteio a religião catholica.

Foi pela religião, que se fundou o imperio, foi na

religião, que se garantio a independencia do novo estado, é pela religião, que o Brazil tem marchado nas vias do progresso; é pela religião que elle hade chegar ao apogeo da gloria.

Entre as primicias gloriosas do Brazil apparecem dois vultos historicos, que são uma dupla gloria para a igreja e para o estado: D. Romualdo Antonio de Seixas, e D. Manoel do Monte Rodrigues são dois personagens historicos, cujos nomes estão inscriptos com letras indeleveis nos fastos da igreja e nos annaes da nação.

N'esses primitivos tempos da independencia, era o povo quem escolhia e votava livremente os seus deputados: ainda não se tinha adoptado o expediente de bater as chapas sobre as mezas dos ministros na corte, ou de seus delegados nas provincias; nem havia tambem o expediente caricatico dos candidatos á inglaterra: o povo tinha o maravilhoso instincto de descobrir os homens proprios para seus mandatarios: e, como o povo romano, elle ia muitas vezes surprehender os Cincinatos com a rabiça da charrua na mão.

O nosso illustre consocio foi surprehendido no seu gabinete de sabio com a nomeação de deputado ás côrtes pela illustrada e importante provincia de Pernambuco.

Sabio de gabinete, padre exemplar, e patriota sincero taes foram os traços da phisionomia politica do nosso illustre consocio, quando appareceu no parlamento.

Costumado ao remanso do estudo solitario, affeito

a distribuir placidamente a palavra do ensino a um auditorio attento, o candido levita não era talhado para essas luctas da tribuna, em que muitas vezes o fremito das conversas a meia-voz, e o cruzar dos *ápartes*, exigem um dom ou tirocinio especial.

A sua posição no parlamento foi defender sempre o principio da auctoridade; e por isso quasi sempre esteve do lado da situação; mas, quando d'esse lado houve a detonação d'essas propostas subversivas, que tendiam a abolir o celibato clerical, e separar a familia brasileira da communhão catholica com Roma, o digno sacerdote não hesitou um só momento: deixou prompto o campo empestado da heresia; e veio postar-se ao lado do intrepido D. Romualdo Antonio de Seixas, que foi n'essa occasião um novo Machabeo, ou o Hercules christão, que esmagou a hydra da heresia.

Em toda a sua vida parlamentar, o nosso illustre consocio teve por principio politico defender a auctoridade, e por principio pessoal defender a religião. Se ahi não brilhou pelo prestigio da palavra como o seu illustre collega D. Romualdo, prestou com a sua variada instrucção importantes serviços nas commissões de que era membro. D. Romualdo com a palavra fallada, e D. Manoel do Monte com a palavra escripta prestaram no parlamento relevantes serviços á Igreja brasileira, de que foram os dois primeiros luminares.

Se, porém, o illustre deputado pernambucano não pôde chegar á craveira oratoria do illustre metropolitano D. Romualdo, nem por isso deixou de legar pa-

ginas preciosas aos annaes do parlamento de então; um dos mais gloriosos, que temos tido no Brazil.

Por occasião de discutir-se a resposta á falla do regente, que pretendia effectuar a confirmação dos bispos independente da auctoridade exclusiva do pontifice romano, o nosso illustre consocio proferiu um discurso, que só por si é bastante a fazer uma reputação litteraria: esse discurso é substancial de doutrina, e brilhante de erudição.

Ouçamos d'elle alguns breves treixos para fazermos uma idéa do todo.

. . . . .  
« Voto, outro-sim, pelo periodo em discussão, porque estou persuadido, que sómente ao pontifice romano, competindo confirmar os bispos, qualquer outro meio, á excepção d'este, que a camara indicasse ao governo, seria illegitimo, daria em resultado pastores nullos, e intrusos, o que acarretaria males innumeros ao Brazil.

. . . . .  
« Já se disse n'esta casa, e persuado-me que nenhum dos seus membros contestará, que o pontifice romano gosa em toda a igreja de um primado de honra, e de jurisdição; isto é, que elle é o primeiro, e principal d'entre os pastores, como successor do principe dos apostolos, que recebo as chaves, ou o poder juridiccional, e por quem este mesmo poder é communicado á igreja.

. . . . .  
« E nem se diga, Sr. presidente, que tractando-se

da disciplina, póde esta ser alterada, sem que por isso se altere ou se offenda o dogma. Eu temo muito esta lingoagem, quando se tracta de certos pontos de disciplina, e da sua innovação pelo poder temporal; quasi sempre é a lingoagem, porque principiam as reformas da igreja; começa-se pela disciplina, e ao depois, pelo nexo, em que ella está com o dogma, se passa á este. O casamento de Henrique VIII, de que hontem fallou um illustre deputado, não foi senão uma occasião do scisma anglicano; a sua verdadeira causa estava nas idéas, que então a reforma proclamava.

. . . . .  
« Eufim, para concluir, supponhamos, que a disciplina actual offerecia embarços; que já não convinha, que os bispos fossem confirmados pela Santa Sé immediatamente. Por quem, pergunto eu, senão por um concilio geral, podia ser esta disciplina alterada? E isto pelo principio mui obvio, que as cousas se desfazem pela mesma maneira com que se fazem. Se é um artigo de disciplina geral a confirmação dos bispos pelo papa, só a igreja universal póde mudar esse artigo de disciplina. E note a camara, que ainda assim o pontifice intervinha na questão, porque a igreja não está representada quando falta o seu chefe; o concilio não é legitimo, quando não é convocado, e presidido pelo pontifice romano, ou, pelo menos, acceito e confirmado por elle.

. . . . .  
« Achar-se-hiam sacerdotes tão faltos dos bons principios, e tão ambiciosos pelo Episcopado, que quizes-

sem entrar para elle por uma nova missão? Um ministro da igreja não póde exercer jurisdição sem um titulo, pelo menos colorado, que se repute valioso por erro *commum*; e isto era o que se não dava á respeito dos bispos, que recebessem a sua missão, por uma maneira nova, extraordinaria, publica e solem-nemente opposta á antiga instituição canonica. Pelo menos, os seus actos seriam duvidosos; e quando se tracta da jurisdição espiritual, a duvida equivale quasi a nullidade. Achar-se-hião fieis, que quizessem comunicar com bispos nullos, ou, pelo menos, duvidosos? D'aqui, que perturbações para as consciencias! Que desordens na igreja! Que males para a sociedade! Foi por isso, Snr. presidente, que eu disse no principio do meu discurso, que todo, e qualquer meio, que a camara indicasse ao governo para obter-se a confirmação dos bispos, excepto o recurso á Santa Sé, seria illegitimo, daria em resultado pastores nullos e intrusos, o que causaria males innumeraveis á igreja, e ao estado; é por isso, que eu heide votar pelo periodo da resposta á falla do throno, porque n'elle se declara, que a camara espera, que, sem quebra das regalias da corôa, sem compromettimento da nação, e sem que tambem se falte ao respeito á S. Sé, o governo termine o negocio da confirmação do bispo eleito.»

Esta doutrina que é, que sempre foi aceita e corrente na igreja, quasi que n'aquelle tempo em que a regencia, e os seus assecclas commungavam os principios de uma politica voltaireana, e em que chegou a

propor-se para que cada missionario catholico pagasse na alfandega um conto de reis de direitos, esta doutrina, dizemos, equivalia a uma declaração de fé christã nas côrtes de Maximiliano e Deocleciano.

Mas tal é o poder da consciencia catholica, que rompe por todas as conveniencias politicas, por todo e qualquer respeito humano, para proclamar a verdade, mesmo na occasião do perigo. O nosso illustre consocio pertencia a uma religião, unica, que sabe produzir martyres na confissão e defeza da verdade.

Havemos visto como o sacerdote correspondeu á vocação do povo para seu mandatario no sanctuario das leis, vejamos agora como elle corresponde á vocação, que d'elle faz a Providencia para a improba e altissima missão do episcopado.

#### IV.

Quem tiver lido attentamente a historia geral da igreja, e em especial a da igreja lusitana, hade pasmar da sua fecundidade em produzir prelados illustres em saber e virtudes.

Nó concilio de Trento, a mais memoravel das reuniões encumenicas da igreja, todos se maravilharam d'esse vulto apostolico, chamado Fr. Bartholomeu dos Martyres. Antes, então, e depois a igreja portugueza tem brilhado pelas virtudes e saber de seus bispos; e não ha memoria de que um só infamasse a cadeira,

que herdara dos apóstolos;—na sancta terra de Portugal nunca houve, nunca tivemos um Nestorio.

Na igreja brasileira tem succedido o mesmo. No nosso clero tem havido membros, que tem conspurcado a sua garnacha respeitavel no lodo de ruins paixões; mas no nosso episcopado ainda não houve um só de seus membros que deixasse de primar nas virtudes, e muitos d'elles no saber: é que os anjos da pureza tem como que estendidas as suas azas sobre os thronos de nossos pontífices, para os perservar da contaminação do mal.

A diocese fluminense tem gosado de uma serie não interrompida de illustres prelados: entre outros, os nomes de D. Fr. Antonio de Guadalupe, de D. Fr. Antonio do Desterro, e D. José Caetano da Silva Coutinho são verdadeiros nomes historicos, porque deixaram apoz si reformas e instituições, que ainda mal não são hoje devidamente avaliadas, e convenientemente reproduzidas.

O ultimo d'estes nomes riscára-se do livro da vida para inscrever-se nos fastos do ceo a 27 de janeiro de 1833; e a diocese fluminense trajára-se de peza-do lucto, que ainda mal durou mais de cinco annos.

E não foi somente o lucto da viuvez, que sobreveio á diocese: no longo anear de alguns annos, o scisma, semelhante a um abutre encarniçado, esvoaçou sobre o throno solitario dos pontífices fluminenses.

N'esta epoca dava-se no Brazil o tremendo anathema que o Senhor proferira pela bocca de Isaias: « Nos dias de minha indignação, eu vos darei mãos padres

e reis meninos. » Era regente do imperio um padre de principios heterodoxos; e o actual imperador do Brazil atravessava os annos criticos de uma melindrosa menôridade.

Para bispo da diocese fluminense fôra proposto á confirmação do soberano pontifece o reverendo Dr. Antonio Maria de Moura, que, como creatura do regente padre Feijó, e como deputado, havia emitto opiniões suspeitas de heterodoxia, especialmente por occasião de assignar o projecto, que annullava os impedimentos matrimoniaes.

A Santa Sé exigio do novo eleito, que houvesse de retratar-se, ou ao menos explicar as proposições heterodoxas, que publicamente emitira; o que era um dever e um direito indeclinavel do soberano pontifece; mas o bispo eleito persistiu na sua reserva; e d'ahi essa importante lucta parlamentar, d'ahi essa insolente e ridicula nota diplomatica, que era um plagiato irrisorio da de lord Strangford contra a Porta Ottomana, em que o ministro brasileiro, dizia—« *a Santa Sé está em erro!* como o diplomata inglez havia dito: » *a sublime Porta está em erro!* d'ahi essa ousada intimação feita pelo mesmo ministro ao Santo Padre para em trinta dias ou confirmar o bispo eleito, ou ver o Brazil separar-se da communhão romana: d'ahi finalmente a queda do regente heterodoxo, por que o Brazil não soffreu, nunca ha de soffrer, que qualquer governo d'esta terra, regada com o sangue de martyres, quebre a sua unidade com a igreja catholica, apostolica, romana.

A renuncia do Dr. Moura aplanára as difficuldades d'este negocio; e achava-se já restabelecida a harmonia entre o governo imperial e a Santa Sé.

Restava nomear um outro bispo.

Modesto, quanto era possivel ser-se modesto, o nosso illustre consocio, ao fechar-se a sessão parlamentar de 1838, voltára ao remanso da vida domestica; e de certo não lhe passou pelo pensamento, que, sahindo do Rio de Janeiro simples padre, voltaria em breve exaltado á preeminencia de principe e pontifice d'essa diocese.

E quem diria a 17 de fevereiro de 1822 que o modesto mancebo, que tomava a ordem de presbytero do illustre prelado D. José Caetano, lhe havia succeder 17 annos depois nas sagradas funcções de pontifice?

*Credo absurdum*; repetiremos ainda com Sancto Agostinho.

A sua nomeação de bispo para a diocese do Rio de Janeiro foi surprehender ao nosso illustre consocio no lympo da vida domestica; e a quem o conheceu ao menos uma só vez na vida, que avalie a confusão, o enleio, em que não ficaria aquella alma, cuja unica aspiração, instinctiva por assim dizer, tinha sido reger a cadeira de um seminario.

Depois da surpresa, viera a hesitação; mas por fim, disse: Eis aqui o servo do Senhor; cumpra-se em mim a sua santa vontade. Tal foi a resposta que esse devoto de Maria Sanctissima deu á inesperada exaltação, que transformava o padre em pontifice, e que ia trocar a sua auréola de sabio pelos espinhos da corôa episcopal.

Nos tempos de sceptismo, que então se atravessava, no meio das luctas politicas, em que o paiz se debatia, e em que não era poupada a propria corôa; na conflagração do regalismo e da heresia, que constringia a igreja, seria acertada a nomeação de bispo para a metropole do imperio na pessoa de um padre, modesto até á humildade, timido como um sancto de vida asctica, e sem a pratica do mundo e dos homens, como elles são nas côrtes ?

Não seria mais acertada a escolha de um padre, de tempera forte, disposto para a lucta e para o martyrio, como era o venerando diocesano da Bahia ?

De certo que talvez não houvesse um só catholico leal e sincero, que não optasse pela escolha do segundo.

Eu tambem assim pensaria; e houve tempo em que assim pensei; mas, tendo reflectido sobre os successos da historia, e tendo-me costumado a explicar a mim mesmo certos enigmas providenciaes da mesma historia, é minha opinião sincera, que a nomeação do Sr. D. Romualdo para metropolita, e a do Sr. D. Manoel para diocesano da metropole do imperio, foram dous dos maiores beneficios que a igreja do Brazil podia receber do ceo, nos tempos excepçionaes, em que se deram esses factos.

Na metropole-da provincia ecclesiastica, precisava-se de um prelado, talhado pelo molde de S. Paulo, como era o Sr. D. Romualdo: na metropole do imperio precisava-se de um prelado, talhado pelo molde de S. João, como era o Sr. D. Manoel.

A diocese fluminense, por isso mesmo que está encravada na côrte, acha-se em circumstancias excepçoes, que exigem da parte do prelado muitas vezes fraqueza em vez de força, resignação em vez de luta, paciência em vez de protesto.

O Sr. D. Manoel do Monte foi o homem providencialmente talhado para a diocese do Rio de Janeiro. Desde que os governos tem assumido as faculdades do bispo exterior; e em quanto os ministros forem formados na escola regalista, e até racionalista, é preciso da parte dos prelados todo o cuidado e empenho em evitar os conflictos, salvo nos pontos em que os prelados não podem transigir. A Babilonia dos antigos tempos reproduz-se em quasi todas as côrtes; e a igreja nas côrtes é muitas vezes uma hospeda ou uma captiva como era o povo israelita na côrte da Assyria.

É sob este ponto de vista, que cumpre ao historiador encarar a administração diocesana do Sr. D. Manoel do Monte. Conservou sem martyrio a paz da igreja; e se algumas vezes expoz-se pessoalmente á afflicção, nunca aceitou luctas com o regalismo, que sempre as termina com a espada de Alexandre.

Por suas altas virtudes, e sobre tudo pelas da resignação e paciência, pela sua illustração, que ninguem contestava, e pelo seu trato de uma afabilidade proverbial, o Sr. D. Manoel do Monte tornou-se uma das glorias da nossa igreja, um dos nobres orgulhos da sua provincia natal, e uma das maximas honras do Brazil: o seu nome era sempre repetido ao par do nome immensamente illustre do Sr. D. Romualdo.

O nosso illustre consocio nomeado a 10 de Fevereiro de 1839 bispo pelo regente Pedro d'Araujo Lima, hoje marquez d'Olinda, foi preconisado pelo papa Gregorio XVI a 23 de Dezembro do mesmo anno; e sagrado pouco depois pelo actual bispo de Cuyabá, o Sr. D. José Antonio dos Reis.

A nomeação e confirmação de prelado para a diocese do Rio de Janeiro tarnára-se como já dissemos, difficil, e melindrosa depois da recusa que a Sancta Sé tinha feito do reverendo Dr. Moura.

Da justa exigencia da Sancta Sé, que não queria confiar o episcopado a um padre que solemnemente emittira proposições heterodoxas, houve como tambem ja dissemos um conflicto diplomatico, que felizmente acabou pela renuncia que o dito padre Moura fizera da nomeação, explicando-se e retractando-se depois, por uma maneira, que muito honra á sua memoria.

N'esses tempos agitados, em que o racionalismo tanto influiu; e depois das pretensões hereticas de abolir o celibato clerical, e separar os fieis do Brazil da communhão da igreja catholica, apostolica, romana, á Sancta Sé cumpria estar de sobreaviso a respeito dos padres que lhe apresentavam para bispos.

Mas o nosso illustre consocio era por tal forma reputado em saber, virtudes e ortodoxia, que não só não houve a mais leve duvida a respeito de sua apresentação para a confirmação canonica; mas até foi applaudida pelo summo pontifice Gregorio XVI, e pelo illustre cardeal Pacca, como consta de uma car-

ta de felicitação, cujo original nos foi confiado pelo seu illustre testamenteiro o Illm. monsenhor Antonio Pedro dos Reis.

O nosso ministro, que então era juncto da Sancta Sé, o Sr. conselheiro Sergio Teixeira de Macedo, assim se exprime em cartas particulares, cujos originaes igualmente nos foram confiados.

« Hontem (23 de Dezembro de 1839) no consistorio secreto foi V. Ex. proclamado por sua sanctidade bispo do Rio de Janeiro. A demora, que houve, não veio senão da oportunidade, que se esperava para convocar um consistorio.

Contra V. Ex. nunca appareceu a menor objecção. Se d'ahi veio alguma intriga, ou foi tão bem manejada que nunca a descobri, ou tão mal dirigida, que nem mereceu o caso de se fallar n'ella. »

Em uma carta posterior lê-se ainda o seguinte trexo.

« Tive ante-hontem (17 de Novembro de 1846) uma audiencia do Sancto Padre, que me tratou com a costumada bondade, conversando comigo largamente sobre sua responsabilidade, etc.

« Elle não leu a pastoral de V. Ex. por falta de tempo, e por não entender a lingua sem grande trabalho, mas mostra-se muito satisfeito do quanto sabe de V. Ex. »

De uma outra carta, escrita pelo actual encarregado de negocios do Brazil juncto da Sancta Sé, o Sr. Dr. Bernardo José de Figueiredo, que então era secretario da legação, extractamos o seguinte.

« A nomeação do novo bispo d'essa capital chegou aqui no dia 3 do corrente (3 de Setembro de 1839) e causou a mais agradável sensação em todas as pessoas bem intencionadas da cidade eterna. Tanto o papa como os cardeaes ficaram muito contentes com a nomeação do novo bispo; e tanto mais quanto essa nomeação veio aplinar as difficuldades e repugnancia, que existia na confirmação do Dr. Moura. »

Tomando a administração da diocese, um dos seus primeiros cuidados foi consagrado ao progresso do seu seminario, fundado desde 1734 pelo bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, e depois reformado por D. Fr. Antonio do Desterro.

O seminario de S. José, sob a administração diocesana do Sr. D. Manoel do Monte, e sob a dedicada reitoria do nosso venerando presidente, continuou a ser o viveiro de grandes homens, com que foi dotada a igreja e o estado.

Era tal a predilecção, que tinha por este estabelecimento o Sr. D. Manoel do Monte que fundando, ou restabelecendo elle a cadeira de instituições canonicas, e não sabendo de pessoa idonea para a reger, estava deliberado a sentar-se n'ella, e ser um dos professores do seu seminario. Era n'essa casa que elle muitas vezes ia refrescar a alma, por assim dizer, requemada da fadiga incessante do improbo officio pastoral.

A vida pastoral é uma odysséa de graves e importunos cuidados, que quasi escapam ao dominio da apreciação. O caminho do ceo, por isso que é o da pu-

rificação, é como o caminho atravez do deserto, todo cheio de perigos e soffrimentos; e é preciso todo o cuidado do pastor para que o rebanho nem padeça, nem se trasmalhe. O pastor quasi não tem mais tempo nem de orar; porque a sua ausencia no Sinai da oração póde vir achar os crentes adorando o bezerro de ouro. Se eu não podia guiar a minha alma, dizia um sancto prelado portuguez, e para isso me dêstes um anjo: como me tornaes, Senhor, anjo de tantas almas?

Ao nosso venerando consocio, a quasi todos os prelados succede a mesma cousa. Não ha livro em que se possa escrever na terra a verdadeira historia do episcopado, porque só no ceo é que se comprehende e sabe traduzir o que é este sacrificio continuado do apostolado de Jesus Christo.

Se o pontificado do nosso illustre consocio não foi tempestuoso, nem por isso deixou de ser amargurado.

Pouco tempo depois da sua ascensão ao pontificado deu-se um facto que duplamente contristou o seu coração de pastor e de brasileiro.

A provincia do Rio Grande do Sul havia-se revolucionado contra as instituições juradas, proclamando a republica: eis a magoa para o seu coração de brasileiro, que estava profundamente convencido, que o Brazil só póde prosperar á sombra da monarchia representativa. Um padre, que alli havia, de nome Francisco das Chagas Martins d'Avila, arrogou-se os direitos de vigario apostolico, e, afóra a ordenação,

exerceu as de mais funcções episcopaes, dispensando nos impedimentos canonicos, e provendo igrejas: tudo por seu proprio arbitrio. A rebellião e o scisma haviam-se dado as mãos; e pois era desconhecida duplamente a auctoridade suprema do imperio, e a auctoridade suprema da diocese.

O sancto prelado dirigiu-se ao rebanho assaltado pelo lobo; mas a sua voz pastoral ficou abafada pelos gritos da revolta, e pelas blasphemias do scisma.

Restava-lhe orar; e orou.

Passado algum tempo, voltou o pastor em busca das ovelhas desgarradas, e d'esta vez a sua voz foi atendida; porque as suas orações haviam como as de Moysés aplacado a ira da justiça divina. Sanou as feridas da consciencia, revalidando as dispensas canonicamente; e como o pai do filho prodigo experimentou uma indisivel alegria, porque o filho, que havia morrido na heresia, renascia na contrição e no arrependimento.

A magnanimidade do illustre pontifice não se cifrou somente em abrir o thesouro das graças espirituaes: o seu amor foi além da dedicação. Quando o monarcha actual foi ao theatro, que tinha sido da rebellião, mostrar pessoalmente, que o throno era clemente, o nosso illustre consocio tambem foi em visita pastoral mostrar que a igreja era misericordiosa.

De passagem visitou a provincia de Sancta Catharina; e por toda a parte por onde ia, deixava todos os corações captivos da sua proverbial affabilidade.

Fallemos agora em especial da famosa questão da sagração.

V.

Uma das notaveis occurrencias da vida pastoral do nosso illustre consocio foi a da questão lithurgica, que se suscitou entre elle e o immortal arcebispo da Bahia, o Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas a respeito do ministro competente para sagrar a sua magestade o imperador Pedro II.

A questão reduzia-se aos termos de qual o ministro competente para a sagração do imperador, se o metropolitano, se o bispo diocesano.

Restam-nos ainda os monumentos d'essa notavel discussão, em que se póde dizer que Heitor foi digno de combater com Aquilles, pois com effeito a questão tomou as proporções de uma lucta homérica.

Essa questão foi tão brilhantemente tratada pelos dois paladinos', que ainda hoje não se póde affirmar a qual d'elles coube a victoria do direito.

E não se pense que n'essa questão actuara ou influira a suscetibilidade pessoal de um ou outro prelado. N'essas paginas, ricas de erudição, brilhantes de estylo e magnificas de cortezania, nunca appareceram os homens, mas somente os prelados, dignos um do outro, pela virtude, pelo saber, e pela convicção do direito.

Diz-se que S. Pedro e S. Paulo, á cerca do governo da igreja christã, então nascente, tiveram entre si uma dissensão; mas a divindade da doutrina e o amor

de Jesus Christo os conciliára, e os empenhára na communhão de seus ministerios apostolicos, de sorte que esse facto, havido entre os dois apostolos, quasi escapa ao dominio da historia.

O arbitrio do imperador resolveu a questão a favor do metropolitá; mas n'essa resolução deve notar-se uma circumstancia, que depoem altamente a favor do illustre prelado, que estamos commemorando.

É de crer que o animo do imperador, em vista dos escritos dos dois distinctos prelados, estivesse preplexo sobre a solução de uma questão de tanta importancia, em si e pelas pessoas, que a tratavam.

A politica já se ia apoderando do facto, e cada um o queria sentenciar segundo a côr do prisma do seu partido, ou segundo o affecto da sua sympathia pessoal. O metropolitá, firme na consciencia do seu direito, não arredava um passo da arena; e, como um d'esses antigos gladiadores, estava disposto a morrer, mas não a entregar-se: era o heroismo do apostolado n'esse impulso da tenacidade, que dá a consciencia catholica, e que tantos heroes tem dado á religião.

O sancto diocesano do Rio de Janeiro mostrou-se tambem heróe pela maneira porque facilitou a resolução da questão. Se tinha a consciencia do seu direito de prelado diocesano, tambem tinha a consciencia do preito, que devia ao metropolitá; e se tinha consciencia do seu direito espirital de parochó nato, ou cura d'almas da familia imperial, tambem tinha a consciencia da attenção, que devia ao primeiro dos seus collegas; e que tinha por hospede em sua diocese.

Ao sabio seguiu-se o sancto. Com uma humildade, que não era nem filha da contemporisação, nem dos respeitos humanos, nem da timidez, nem da falta de consciencia de seu direito, o sancto bispo D. Manoel do Monte Rodrigues d'Araujo dirigiu-se ao paço imperial, e nas mãos, que iam empunhar o sceptro da realleza, e o gladio da justiça, remetteu os direitos diocesanos, que podia ter na cerimonia da sagração, para que o imperador os confiasse a quem lhe aprouvesse.

E não se julgue que este rasgo de heroicidade evangelica foi o resultado de um despeito pessoal; n'aquella alma angelica do bispo D. Manoel do Monte nunca entrou tal sentimento: o que inspirou essa resolução, tomada em tal conjunctura, foi o impulso habitual d'essa alma, que como a de S. João, o discipulo amado, só podia viver na bonança da caridade, como a de S. Paulo se expandia nas luctas heroicas e tempestuosas d'essa mesma caridade, que ambos tinham aprendido do divino Mestre.

Para dar mais uma prova da abnegação sincera e leal, que fazia dos direitos, que podesse ter a ministro da sagração, offereceu-se para assistir á cerimonia; e n'esse rosto, que era o fiel espelho de sua alma, não se viu uma linha unica de contração, que podesse annunciar um sentimento de reserva.

Nem a alma de sancto do Sr. D. Romualdo se desvaneceu com o triumpho, nem a alma de anjo do Sr. D. Manoel se perturbou com o sacrificio.

Nos tempos de scepticismo, que então atravessava a igreja, esta lucta dos dois apostolos foi uma lição severa do que são ministros do Deos de paz.

Dois ministros do temporal, em identicas circumstancias teriam a mesma fortaleza, e a mesma abnegação ?

Não; porque só a igreja catholica é que tem o mysterioso segredo de suscitar e acalmar estas luctas, que ás vezes se dão nas almas sanctas.

Tem corrido como tradição oral, que esta questão da competencia de ministro da sagração imperial, fôra submettida á decisão de Roma; e até se tem dito que a resposta fôra favoravel ao diocesano do Rio de Janeiro contra o metropolitano da Bahia.

Quasi posso affirmar que tal consulta nunca se fez, ao menos pelos devidos canaes, e que por consequencia a respectiva congregação nunca pronunciou o seu parecer a tal respeito.

O que é incontestavel é que a questão, pela erudição, talento e proficiencia com que foi tratada, tornou-se difficil; e mais de uma vez, em consultas verbaes, tenho visto distinctos canonistas recuar diante da decisão.

O meu illustre mestre, o Sr. Arcebispo de Palmira, que tem na propria Roma reputação de canonista de primeira ordem, só me dizia que a questão no pró e no contra não podia ser tratada com mais proficiencia; e me certificou que a questão nunca tinha sido affecta á decisão de Roma, embora lá se tivesse conhecimento d'ella, mas extra-officialmente.

De um escrito original do defuncto Sr. D. Romualdo, que pára em meu poder, deprehende-se que o illustre cardeal Saraiva, D. Fr. Francisco de S. Luiz,

foi consultado a este respeito; mas a resposta, se a houve, ha de estar sumida n'esse cataclysmo, ou rapina, que soffreram muitos dos escritos e livros do immortal metropolitano, na propria hora em que estava a espirar.

A questão ha de continuar a preoccupar os animos das pessoas competentes, em quanto Roma não se pronunciar. Esta mesma preocupação é um testemunho de respeito e consideração tributado aos dois illustres prelados, que foram no Brazil o que foram na França Bossuet e Fenelon.

Sabe-se que a proposito das doutrinas asceticas de madama de Guyon, Bossuet e Fenelon tiveram entre si uma polemica, cujos escritos tomaram a importancia, que na opinião publica mereciam os dois illustres contendores.

Consultada a Sancta Sé, respondeu a favor das doutrinas de Bossuet; e Fenelon submetteu-se com esse espirito de docilidade, que distingue os espiritos superiores.

O nosso illustre consocio não esperou que Roma fallasse. Entre a convicção do seu direito diocesano, e o seu dever de suffraganeo, elle deliberou submeter-se ao dever maior.

Como já disse, não foi uma fraqueza, mas um heroismo.

Eu tenho para mim que os escritos dos grandes homens são a representação perenne de seus sentimentos. Os dois illustres prelados deixaram em duas passagem de seus escritos, o sentimento que os ha-

via animado depois de resolvida a questão pelo facto.

O Sr. D. Romualdo, em uma preciosa carta, que me escreveu por ocasião da celebre questão Kerth, manifestou-me os sentimentos de collega e amigo que o animavam para com o prelado, que o racionalismo politico arrastára até ao prostibulo da imprensa; e nas suas proprias memorias lamentou, que, pela pugnação de um direito metropolitano, se arrefecessem relações pessoaes, que lhe eram tão caras.

Eis as suas proprias palavras. « Releva, finalmente, declarar que nunca tive a menor intenção de offender o meu collega e antigo amigo; e que nada me ha sido mais sensivel do que o resaiço ou resentimento, que parece haver deixado em seu, aliás tão bom e generoso coração, essa triste occurrencia, privando-me assim dos soccorros, que eu me lisongeava de receber da sua interessante correspondencia, e coadjuvação de seus profundos conhecimentos, que sempre tive no mais subido apreço. »

Quanto póde valer o meu testemunho, posso affirmar que tal resaiço e resentimento não ficou no animo do illustre diocesano do Rio de Janeiro. A multiplicidade dos negocios de tão complicada diocese; o seu amor ao estudo, e os deveres de sua proverbial cortezia, não lhe deixavam tempo para a correspondencia da amisade, e mesmo do dever, como mais de uma vez me significou.

Digo, que não ficou resentimento nem resaiço no animo do mais illustre dos suffraganeos do mais illustre dos metropolitans; porque mostrando eu a

reposta do Sr. D. Romualdo sobre a questão-Kerth, em que era reconhecido o direito e auctoridade do Sr. D. Manoel em despachar, como havia despachado, esse infeliz negocio, eu fui testemunha do contentamento, que isso lhe causou, e ouvi as benignas e merecidas expressões, com que se referiu ao que era a primeira auctoridade de facto e de direito entre os bispos brasileiros.

E para provar ainda que essa questão da sagração, que, como disse, foi um dos successos mais notaveis da vida pastoral do nosso illustre consocio, não deixou no seu animo generoso esse supposto resentimento, citarei a passagem respectiva da sua importante obra de direito ecclesiastico.

« O principal ministro da cerimonia, a que assistiram outros bispos, foi o Arcebispo da Bahia, que S. M. o Imperador resolveo fosse o consacrante, como metropolitano do Brazil. »

Para quem conheceu a alma angelica do Sr. D. Manoel do Monte, este succinto enunciado mostra a todas as luzes, que elle não nutria o mais leve resentimento contra o seu venerando metropolitano.

Desculpai-me, por haver insistido um pouco na apreciação d'esta questão. Fi-lo intencionalmente, por que, panygerista de ambos esses sanctos prelados, eu lamentei sempre esta circumstancia, que os havia como que desunido; mas sempre reconheci e reconheço a profunda convicção, em que estava cada um a respeito do seu direito.

Convicções, como estas, e de homens como estes,

devem respeitar-se com veneração; e seria uma impudencia, ou antes uma temeridade querer julgar das suas intimas reservas.

## VI.

O nosso illustre consocio gosava da geral opinião de ser um dos nossos primeiros theologos, senão o primeiro entre os mais distinctos do seu tempo.

Esta opinião assenta sobre o interessante compendio de theologia por elle composto; e de que temos trez edições, o que no Brazil é o maior titulo de recommendação para um livro.

Se a theologia do illustre professor do seminario episcopal d'Olinda não está na altura das de Peronne, Gousset e Guri, tem com tudo a recommendação de ser o que ha de melhor conforme aos nossos costumes.

O nosso illustre consocio, como todos os ecclesiasticos do seu tempo, foram instruidos nas theologias de Luglenense e Montepillier, que aliás eram eivadas de jansenismo, que é entre as heresias condemnadas como um veneno subtil, que se infiltra insensivelmente na doutrina.

O livro do nosso illustre consocio recebeu um geral acolhimento: foi adoptado em todos os seminarios, e tornou-se o manual de todos os nossos moralistas, que por elle se regulam no foro da consciencia.

Consta que apparecendo em Roma este livro, e que, sendo examinado por pessoa competente, se lhe haviam descoberto erros de doutrina jansenista. Affectar esse livro á congregação do *index*, e fazer condemnar o escrito de um bispo brasileiro, seria uma imprudencia; mas deixa-lo assim correr seria uma negligencia; e o caso pedia prompto remedio.

Consta pois, que o respectivo representante da Sancta Sé no Brazil tivera uma conferencia com o illustre prelado fluminense, e que fazendo-lhe notar os erros involuntarios da doutrina, em que havia cahido, o nosso illustre consocio, com essa docilidade e confusão, que tanto realçava o seu merito, se justificara verbalmente; e por uma carta, escrita de seu proprio punho, e que foi para Roma, promettera emendar esses erros, o que já se reconhece na segunda edição, e muito mais na terceira.

Por este mesmo tempo, theologos de merecida reputação escreveram livros, em que não havia mais nem as impertinencias da eschola, nem as subtilidades malignas do jansenismo.

As raras horas de repouso, que lhe deixava a fadiga pastoral, eram empregadas na leitura e estudo d'esses novos livros; e por tal forma se esclareceu e se fortificou a intelligencia do nosso illustre consocio, que a sua importante obra de Direito Ecclesiastico, além de seu merito litterario, é irreprehensivel nos pontos, em que involuntariamente havia claudicado na sua obra de theologia moral.

Se depois dos estudos que fez sobre os livros dos

theologos modernos, e segundo cujas doutrinas compoz os seus Elementos de Direito Ecclesiastico, o nosso illustre consocio chegasse a fazer uma quarta edição do seu Compendio de Theologia Moral, inquestionavelmente essa obra seria classificada ao par das mais distinctas d'esse genero.

E se a vida e a saude lhe tivessem permittido, que, n'uma segunda edição, methodizasse mais os seus Elementos de Direito Ecclesiastico, por certo que essa obra seria perfeita, quanto o podem ser as obras humanas, quanto é a do Dr. Philipps, que, por suas doutrinas e pelo methodo de as expor, tem exercido e exerce uma notavel influencia nos estudos de direito publico ecclesiastico.

Não obstante, porém, as menos indulgentes observações, que ahi ficam escritas, é de justiça confessar, que o Compendio de Theologia Moral continuará a ser um livro estimado e consultado como auctoridade; e que a auctoridade dos Elementos de Direito Ecclesiastico ha de sempre substituir entre nós, porque acham-se prudentemente conciliados os principios absolutos, ou axiomaticos do direito canonico com os principios do regalismo até aos limites reconhecidos.

Além d'estas duas obras, de trez volumes cada uma, o nosso illustre consocio tem umas poucas de pastoraes, em que se manifesta e reconhece a sua vasta erudição das letras profanas e sagradas, e o seu zelo apostolico pela salvação das almas.

Não consta que emprehendesse alguma outra obra

de vulto. Recordo-me ter ouvido de sua propria boca, que sobre uns manuscritos, que achára na bibliotheca de seus antepassados desejava escrever a historia dos prelados fluminenses; mas que desanimava á vista da difficuldade de mandar colher informações em Portugal, especialmente depois da extincção das ordens regulares.

Quem sabe avaliar o que é o governo de uma diocese, vasta e complicada como foi a sua, e que sabe avaliar a natureza dos estudos, a que elle se consagra, não póde deixar de curvar-se respeitoso e maravilhado ao ler os seus Elementos de Direito Ecclesiastico, que só por si eram bastantes a illustrar e glorificar uma vida.

Havemos já esboçado o professor, o politico, o pontifice e o litterato, passemos agora a apreciar as mais excellentes virtudes que nobilitaram a esse varão illustre, que, ao mesmo tempo que inscrevia o seu nome nos fastos gloriosos dos brasileiros illustres, gravava nos corações agradecidos uma memoria indelelivel pela pratica da caridade evangelica, e pelo uso habitual e instinctivo de uma paciencia inalteravel.

## VII.

O nosso illustre consocio era o modelo da affabilidade, da paciencia e da caridade.

Era tão natural, ou tão innata a affabilidade do

sancto prelado, que não consta haver uma só vez na vida mostrado semblante carregado, ou gestos de máo humor, ainda mesmo em certas provocações, em que a alma não póde domar os primeiros impetos da contrariedade. Sempre igual n'esse sorriso, em que se retratava a bondade de seu coração, o seu fallar tinha uma tal magia, que ainda mesmo negando algum favor, porque era impossivel de fazer, o que recebia a negativa ficava encantado da maneira porque era indefferido.

Elle recebia igualmente o poderoso e o desvalido, o pobre e o rico; e aos proprios subditos, que precizavam de admoestação ou correcção, fallava-lhes com tal attenção e tal enleio, como se elle proprio fôra o réo, e não o juiz. Tratava com tal bonhomia e urbanidade a todos, que o procuravam, que mais parecia um parochó de freguezia rural, do que o pontifice de uma das mais importantes deoceses do Brazil.

A sua paciencia era para a sua affabilidade o que o perfume é para a flor. Fosse qual fosse a impertinencia da conversação, fosse qual fosse a inconveniencia de interromperem-o na oração, ou nos cuidados pezados do seu officio pastoral, ou mesmo nas suas queridas horas de estudo, que eram as unicas de sua sexta de trabalho, nunca essa alma angelica éxperimentou um assomo de impaciencia.

Se uma ou outra vez, pelo abuso que algum de seus officiaes, (e um houve que bastante abusou da sua confiança e da sua paciencia,) a imprensa registrava alguma irregularidade, ou alguma sinonía, em tão sim

essa alma confrangia-se de amargura; mas, assim mesmo, nunca perdia o estado habitual da paciência, e da resignação evangelica.

Uma unica vez contemplei eu com bastante dor a acerba amargura, que chegou a agitar essa alma tão habitualmente placida e resignada: foi por occasião da celebre questão—Kerth, que fez revolver a atrabilis da imprensa impia e racionalista, produzindo um escandalo na opinião publica desvairada.

O facto não tinha em si a mais leve importancia; mas por tal maneira o conflagraram, por tal forma o desvirtuaram, que chegou a haver muitos illudidos de boa fé.

Margarida Kerth, com quanto protestante de direito, era catholica de facto, pois desde menina ouvia missa e resava as orações do culto catholico, que lhe haviam sido ensinadas com o exemplo por sua propria mãe, que não abjurára o protestantismo em respeito ao marido. Kerth casara civilmente com João Schopp; mas não tendo filhos, e não se dando bem n'essa união, desquitaram-se civilmente por escriptura passada no respectivo consulado.

Senhora de si, Kerth abjurou o protestantismo; e tempo depois d'essa abjuração casou com um moço brasileiro.

Em presença da igreja, o casamento de Kerth com Schopp era como não existente, pois a nossa legislação, antes do decreto de 11 de setembro de 1861, só reconhecia o matrimonio—sacramento, segundo as disposições do concilio tridentino, que obriga nos logares aonde foi accito.

Ora só o matrimonio sacramento é indissolúvel; e os casamentos entre os protestantes obrigam e desobrigam civilmente, nos logares em que foi aceito o concílio.

Lavrava então na côrte, como ainda lavra, essa febre de colonisação estrangeira de uma raça repugnante á raça latina, que prepondera no paiz, e de uma religião ainda mais repugnante ás profundas crenças catholicas, que subsistem arreigadas no coração do povo brasileiro.

A noticia d'este simples facto, ordinario no expediente de uma secretaria ecclesiastica, provocou a hydrophobia da imprensa, que por esta occasião deu exuberantes provas da sua ousadia, da sua deploravel ignorancia em materia de tanta gravidade, da falta de bons sentimentos religiosos; e mesmo de cortezia para com um sacerdote tão altamente collocado.

Nem o estado, nem o character, nem a dignidade, nem o saber, nem a propria idade foram circumstancias attendiveis para que uma imprensa ganhadeira e furibunda deixasse de arremetter ao sabio e sancto prelado, que, na plenitude de sua auctoridade, havia auctorisado um casamento, que podia e devia mandar effectuar.

N'um jornal de minha propria redacção defendi o venerando bispo; mas como houvesse claudicado em uma citação do direito, teve elle a bondade de agradecer com expressões, como elle as sabia usar, o pequeno serviço que lhe havia feito, e me mandou dois expositores, onde podia estudar a questão theologica e canonicamente.

Depois da leitura precisei consulta-lo pessoalmente, e foi n'essa occasião, que eu pela primeira e unica vez, reconheci que as desabridas invectivas da imprensa licenciosa 'o haviam singularmente impressionado, pois não pôde deixar de estranhar, que a imprensa, sem estudar a questão de direito, o fosse insultar no exercicio do seu ministerio.

Não obstante alguns artigos, que appareceram em correctivo aos erros da imprensa racionalista e protestante, a opinião continuou desvairada; mas a muitos ignorantes de boa fé ouvimos nós dizer:—elle que o fez é porque o podia fazer, pois é um dos bispos mais sabios que temos.

Pelo que respeita á virtude da caridade, exercida pelo nosso illustre consocio, não é possivel ultrapassar-se os limites até onde elle chegou.

O Sr. D. Manoel do Monte herdara um bom patrimonio pela morte de sua querida mãe: tinha a sua congrua, os rendimentos da mitra e os proventos da camara ecclesiastica; mas tudo isso ainda era pouco para as suas prodigalidades no exercicio da caridade evangelica. Seu irmão, o conego João Rodrigues d'Araujo, que com elle morava, era quem prudentemente reservava alguma cousa para as despesas domesticas, aliás feitas com a maior parcimonia e frugalidade. O sancto prelado vivia no seu palacio, como um cenobita. Uma vez tive occasião de o visitar enfermo em sua propria camara; e a cella de um capuchinho não era mais humilde.

Ha muito tempo que elle era pobre; mas, pela mor-

te de seu querido irmão, experimentou ao mesmo tempo duas amarguras, a primeira a de perder o companheiro inseparavel de sua vida desde o seio materno: a segunda foi achar-se herdeiro do patrimonio, que lhe legara o defuncto. A saudade da perda depolla aos pés da cruz: o incommodo da herança não o embarçou por muito tempo. Eis o expediente que tomou.

Não se sabendo que fim tinham levado esses bens herdados, os hospitaes de Sancta Catharina, de Campos, e o seminario publicavam, pouco tempo depois, a caridosa munificencia do sancto prelado, que se desherdava em vida, legando-lhes sommas, que absorviam o legado recebido, ou antes quasi toda a sua fortuna.

Depois da morte de seu irmão, que era quem se havia incumbido do regimen domestico, póde dizer-se que o sancto prelado era hospede dos seus escravos; e Deos sabe que privações não experimentaria esse modelo de humildade, pois o sancto varão não sabia nem mandar, nem mesmo pedir aos seus escravos.

Dos dois patrimonios, herdados pelo nosso illustre consocio, foram herdeiros estabelecimentos de caridade; dos rendimentos da congrua, e da mitra eram usufructuarios os pobres, familias honestas, moços talentosos para fazerem sua educação litteraria, e até alguns especuladores, que abusavam da lealdade e caridade d'esse sancto, que a todos avaliava e julgava, segundo a sua alma e o seu coração.

A caridade do illustre prelado não se limitou somente a repartir quanto tinha pelos pobres e pelos necessitados; elle appellou da sua quasi pobreza para a caridade publica, e especialmente para os favorecidos da fortuna. O modo porque elle o fez releva que o expozhamos aqui, pois é um dos mais nobres titulos da sua vida apostolica.

Em 1856 a capital do imperio estava assaltada pela terrivel epidemia do cholera, que especialmente buscava as suas victimas nas classes desvalidas. O palacio episcopal, que sempre fôra o refugio seguro dos necessitados, tornára-se agora mais do que nunca procurado; mas os meios escaceavam, e o afflicto prelado não sabia mais que traças dar á sua vida para accudir aos necessitados, que a toda a hora recorriam á sua proverbial beneficencia.

N'um dos dias, em que o registro do obituario, pelo crescido numero de victimas, tinha como que lançado um terror panico na população, o sancto prelado apresentou-se na praça do commercio, pedindo esmola para os pobres, que a não podiam pedir.

Á vista d'essa figura veneranda e sympatica, muitos corações, dos calejados para as impressões da caridade, não puderam resistir ás palavras humildes d'esse sancto; e é facto que d'ahi trouxe elle uma boa colheita para os seus pobres.

E para se comprovar o ascendente que tem a virtude sobre todos os corações, seja qual fôr a sua crença em materia de religião, é conveniente notar, que em quanto o santo prelado ahi tratava o negocio dos

pobres, nem uma só das muitas pessoas que ali estavam, sendo algumas d'ellas protestantes, animou-se a pôr o chapéo na cabeça, não obstante as rogativas, que tão urbanamente lhes fazia o respeitavel pontifice.

A naturalidade, o enleio, a humildade, e o carinho com que o nosso S. Carlos Borromeu affrontava a epidemia, na epocha da sua recrudescencia, apresentando-se em publico a invocar a caridade publica, como em particular invocava a misericordia divina, é um d'esses espectaculos, que ao mesmo tempo que edifica os homens, desarma a justiça de Deos, e causa uma alegria celestial aos proprios santos.

A imprensa racionalista mal registrou este facto, que tanto impressionou e edificou aos que o presenciaram; mas, passados alguns mezes, não faltaram ao sancto prelado as mais acerbas invectimas, por occasião da famosa questão—Kerth.

É assim que muitas vezes entre nós a imprensa se diz ser o echo ou órgão da opinião do povo!...

Senhores: entre os grandes meritos, que ennobreciam ao nosso illustre consocio, a affabilidade foi sem duvida o seu primeiro merito; e entre as acrysoladas virtudes, que elle professava, a caridade foi a palma de triumpho, com que se apresentou na bemaventurança eterna, e com que por muito tempo o seu nome ha de ser recordado entre os vivos.

Filhos da sua caridade são esses herdeiros, que tem de ser educados no seminario de S. José do Rio de Janeiro, e no Seminario Americano em Roma. São elles os penhores que o sancto varão lega perennemen-

te ao sacerdocio, de que elle foi um luminar, e uma das suas primeiras glorias.

Que esses afortunados mancebos se tornem dignos do legado; e que no futuro se reproduzam no exemplo de virtudes e saber, que nos deixou um dos mais sabios, um dos mais sanctos prelados, que tem regido a diocese fluminense.

### VIII.

A ultima quadra da vida do nosso illustre consocio foi uma verdadeira Getezemani. As forças do corpo foram as primeiras a abandona-lo; e quasi se póde dizer, que essa grande alma apenas arrastava um cadaver. Á semelhança do fogo, que mina, e não deita labareda, assim as angustias forão minando lenta e insensivelmente essa vida, por mais de um motivo preciosa. O seu ultimo viver foi uma agonia pungente, que definhava o corpo, e uma esperança robusta, que fortificava a alma.

Entre o anjo da caridade e o anjo da resignação, operou-se a transfiguração do bispo em romeiro da eternidade. Vergado sob o peso da mitra, e quasi sem forças para sustener o baculo, o seu throno pontifical parecia já um esquife.

Esse simulacro de vivo era a expiação, não das culpas proprias, porque as não tinha; mas de culpas alheias, que se commetteram á sombra da sua proverbial boa fé.

A vida é a crysalida da morte; a morte é a crysalida da eternidade. Como na ampulheta cahem mais rapidos os ultimos grãos de areia, assim correm mais rapidos os ultimos dias da vida.

Ao proximar-se a hora da romagem da eternidade, o sancto prelado proveu-se do viatico para tão tremenda viagem.

Sacramentado e ungido, somente aguardava o momento, em que o archanjo da morte tomasse essa alma paciente, e atirasse para a terra o involucro mortal.

N'essa hora de suprema anciedade, começou a comprehender-se o prelado, que ia perder a igreja, o cidadão, que ia perder o estado, e o amparo, que iam perder tantos necessitados, de quem elle era o protector paternal.

Em quanto a igreja, no trance da sua proxima viuvez, implorava o Deos da infinita misericordia, o sentimento publico era sincero e expressivo nos louvores, que tributava ás virtudes e ao saber do illustre moribundo.

Todos o encommendavam já a Deos, como a um morto; pois a sciencia tinha-se declarado impotente para poder prolongar essa vida preciosa.

A hora tremenda chegou.

No dia 11 de Junho de 1863, meia hora depois da meia noite do dia 10, hora mistica em que o Christo nasceu entre os homens, o nosso illustre consocio, morreu entre os homens, e nasceu para a eternidade.

A igreja militante e soffredora perdêra um prelado, a igreja triumphante e gloriosa havia ganho mais um sancto.

Em quanto no ceo os apóstolos recebiam no seu coro a alma angelica d'aquelle, que fôra um digno successor dos escolhidos por Christo para reger e apascentar o rebanho, na terra derramavam-se lagrimas pungentes sobre as queridas reliquias d'esse varão illustre, que fôra um grande sabio, um distincto prelado, um cidadão illustre, e um modelo de acrysoladas virtudes.

Que insondaveis, que tremendos são os decretos do Eterno!

Do sabio restam-nos apenas algumas copias do seu pensamento, do pontifice resta um cadaver, do cidadão um nome venerando, do homem virtuoso uma recordação saudosa.

Para contrastar a humildade, que o sancto prelado professara em vida, as pompas luctosas da igreja, e as mais distinctas honras civis foram-lhe tributadas na occasião de dar-se os seus restos mortaes á sepultura.

Embalsamado, e revestido das vestes pontificaes, o corpo foi depositado na sala do docel, convertida em camara ardente, e ahi se velou em continua oração por espaço de trez dias.

Transportado depois para a capella do palacio episcopal, houve missa pontifical, officiada pelo seu amigo monsenhor Antonio Pedro dos Reis, oração funebre pregada pelo distincto orador conego Fonseca Li-

ma, e as encommendações e mais officios do ceremonial dos bispos, dando-se o corpo á sepultura, ali aberta, e não longe do jasigo do seu venerando antecessor.

No acto de dar-se á sepultura o venerando cada-ver, a guarda nacional e a tropa de linha da guarnição da corte deram trez descargas de espingardaria, desenove tiros de artilharia, que foram correspondidos pelas fortalezas, por todos os vasos de guerra, surtos no porto; e tambem pela curveta portugueza *Bartholomeu Dias*, que se associou á grande magoa, que soffria a capital do imperio.

A nunciatura apostolica, os ministros do imperio, da justiça e da guerra, as diversas ordens religiosas, os lazaristas, irmãs de caridade, capuchinhos, quasi todo o clero secular, e diversas commissões de ordens terceiras, confrarias e corporações litterarias ali foram dar um tributo de merecida consideração ao illustre varão, que fôra uma triplice gloria para a igreja, para as lettras, e para o Brazil.

Além d'este solemne suffragio outros se lhe tributaram, em diversos pontos da sua diocese; e nas dioceses do Rio Grande e do Pará, os respectivos prelados mandaram celebrar officios funebres pelo eterno repouso do illustre diocesano fluminense.

Aqui na Bahia, o nosso venerando metropolitano, mal recebeu a noticia do infausto passamento d'aquelle que fôra seu prelado, seu amigo e seu sagrante na ordem episcopal, determinou logo um officio solemne na igreja do seu seminario, e elle mesmo pontificou

e offereceu por suas proprias mãos o incruento sacrificio. O illustrado e numerozo concurso, que ahi se achava, ha de sempre recordar-se da eloquente oração funebre, que ahi prégou um dos mais distinctos dos nossos oradores sagrados.

Á magoa da igreja fluminense, ao sentimento geral do paiz, á saudade das academias quiz associar-se o nosso Instituto Historico da Bahia, consagrando um tributo de consideração a um dos seus mais illustres membros hõnorarios.

Ainda mal, senhores, que essa commissão foi confiada ao mais obscuro de seus membros.









